



O campo e a sua actividade cura imensas mazelas e restitui profundo equilíbrio.

MOMENTOS

Omissões

A meio da manhã desta última sexta-feira vejo o campo de futebol cheio de miúdos a jogar, e três sentados numa das guaritas do banco a comer maçãs. O dia estava enevoado mas não chovia.

Os pequenos corriam soltos atrás da bola, em alegria esfuziante.

Os três davam cada um a sua dentada e punham as mãos sobre os joelhos, a descansar, com a maçã agarrada, enquanto roíam.

Mandei-os chamar para saber a origem da fruta.

É que, por detrás do campo, existe um pomar guardado com uma rede a que Padre Carlos chama o nosso «jardim zoológico» pela diversidade de aves que o habita e que são uma das diversões inocentes da malta.

«Gordito», mal se viu apalhado atirou logo com a maçã ao chão, mas o mandatário, da mesma idade e tamanho, obrigou-o a agarrá-la. Atravessaram o campo roendo ainda a última bocado.

São pequeninos com oito ou nove anos! Vinham os três muito comprometidos.

— Então, de quem são as maçãs?

— Da macieira — replicou o «Gordito».

Uma resposta universal que, na boca de uma criança, traz uma luz de pureza, de uma verdade primária. Sim, é uma verdade simples como a que se diz: — *O que está em Portugal é dos portugueses.* Não é exacto, mas tem um fundo de verdade.

Enquanto acompanho, por uns minutos, na doença, o nosso Padre Luiz da Casa do Tojal, vou dando uma espreitadela pela televisão que o ajuda a passar o tempo no seu quarto. Assim também vejo um pouco do que se passa no mundo da Guerra! Impressiona-me sobretudo o atraso, a ignorância, a pobreza e a incultura!

Quem vê África — só conheço um pouco de Angola e Moçambique — fica desolado com a incapacidade das pessoas progredirem na civilização sozinhas.

Quem observa as cenas de paragem civilizacional para os lados de onde anda a guerra, se tiver um coração sensível arpeia-se instintivamente.

Como é possível!?

Enquanto são bombardeados por aviões telecomandados nem sequer têm uma estrada por onde passem as suas carroças ou um carreiro direito para os burros.

Como é ridículo este mundo! O modo de vida é classificado como da Idade Média e nós vemo-lo de raspão nas imagens dos jornalistas os quais, de certeza, não conhecem sombras mais negras daquela situação humana.

É verdade. As maçãs são da macieira como dizia o «Gordito».

— E a macieira de quem é?

— É nossa.

— Então é de todos e tu vais comer com os teus

Continua na página 4

Telescola

QUASE dois meses vão passados sobre o início das actividades e a indefinição continua: Nem material didáctico nem solução para o problema na área das Letras. Aquele vamos-lo remediando com fotocópias de manuais e cadernos para a exploração do programa dado, usados em anos anteriores. Mas a dificuldade maior é a estabilidade e eficiência no ensino das Línguas, da História e da Geografia — e não vemos como ultrapassá-la no actual sistema de colocação de Professores que é um labirinto, uma verdadeira lotaria.

Calhou-nos alguém vindo de Bragança — que não veio e tudo fará para não vir por um desarranjo familiar que até se compreende. A substituição precária calhou (e calhou-nos!) a pessoa vinda de Macedo de Cavaleiros com inconvenientes e incomodidade semelhantes às da que substituiu.

Pior, porém: O concurso não atende à preparação específica necessária ao 2.º ciclo da Escolaridade Básica e a pessoa em causa não a tem para leccionar língua estrangeira. Decerto esta preparação seria uma condicionante sine qua non para concorrer a este nível... Todavia, parece que não, porquanto a colocação foi feita à margem desta exigência. Dá para perguntar se a Autoridade que faz estas colocações não sabe dela..., ou se anda a brincar com os direitos de uma população escolar.

Entretanto — dizem-me — constituem multidão os Professores sem lugar. Não haverá, mais perto e com a capacidade requerida, algum (se calhar muitos...) que possa ser destacado para este? Ou a Instituição Escolar, em vez de Serviço aos alunos, é uma teia emaranhada de serviços administrativos que a afoga e esteriliza para a sua função primária? Pois que promova um mini-concurso entre Professores aptos para este grau do Ensino e preencha capazmente este lugar praticamente vazio.

Outro problema resulta de um despacho emanado, já a decorrer o presente ano

lectivo, que obriga o Francês como língua estrangeira na Telescola. Pois não saberá a Autoridade na Administração Escolar das dificuldades em encontrar Escolas com turmas do 7.º ano para alunos idos do Francês, dada a pequenez do número destes perante a opção generalizada pelo Inglês no 2.º ciclo da Escolaridade Básica?

Esta dificuldade nos levou, a nós e a outros Postos da Telescola, a assumir e arcar com os custos do Inglês no 2.º ciclo, para não termos, depois, de mendigar ou forçar acessos para os alunos que transitam ao terceiro. Nisto estamos mesmo facilitando a própria Administração Escolar.

E se por nós, latinos que somos, temos pena que o ensino do Francês vá diminuindo tanto, não podemos resistir ao império do Inglês como língua universal que cada vez mais é.

O nosso Posto da Telescola é quase do princípio (creio que do segundo ano) do que agora se chama mais pomposamente Ensino Básico Mediatizado. Começámos como Posto Particular e em breve esta forma de Ciclo Preparatório se abriu a Paço de Sousa e freguesias vizinhas, quando não havia por perto outra alternativa para este grau do Ensino. Prestou largos e bons serviços. Embora desde sempre algo contraditada por agentes do Ensino directo, nós tínhamos a prova real da sua qualidade quando os nossos rapazes passavam ao 7.º ano e, nas Escolas que frequentavam, me respondiam que eles tinham uma preparação nada inferior à média dos alunos idos de outro tipo de Ensino.

É pena que a própria Autoridade Escolar descure o que ainda resta desta instituição que, na sua modéstia, pode ainda representar uma resposta válida, mais económica, mesmo em custos sociais, em muitos casos pontuais ao longo do país real, mormente onde a desertificação campeia.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Migalhas com sabor a renúncia

FOLHEANDO o livro do «deve-haver», agora informatizado, aqui nos prestamos a dar conta das entradas em donativos correspondentes aos meses de Julho, Agosto e Setembro, nesta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

São migalhas com sabor a renúncia que nos dias que correm levantam muitas dúvidas. Mas Deus nunca falta àquele que abre o seu coração ao Pobre.

Há dias, folheando alguns escritos do Padre Horácio que andavam dispersos e outros que ele tinha guardado e que agora arquivamos, encontrámos uma frase que muitas vezes lhe ouvimos, referindo-se ao seu viver providencial que sempre deveria caracterizar o espírito da Obra: «(...) Tenho mais medo da fartura que da pobreza... Com grande sabedoria, pois exemplos não faltam a confirmá-lo. E, quando a ambição desmedida se apodera do

coração, dominando-o, é um desastre — recorda-nos o Padre Américo.»

Para que se saiba, aí vão pois os registos das ajudas que nos chegaram. Algumas são mensais e, aqui, sempre mencionadas regularmente. Não ferem a modéstia dos oferentes. Não contabilizámos outras tantas ajudas materiais em roupas, calçado, materiais escolares, principalmente a diária do «Continente» que para nós representa muito valor.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CASAS PARA POBRES

— A Casa dos Funcionários das Obras Públicas da Beira (Moçambique), que está em obras, há meses, será destinada a uma viúva, septuagenária.

O nome do prédio exprime a generosidade dos portugueses do Índico, durante a viagem que Pai Américo fez conosco à África portuguesa, em 1952.

Gente de várias etnias, cores, religiões escutaram lá, religiosamente, a mensagem ecuménica de Pai Américo.

A remodelação que ora imprimimos a esta casa, implantada num declive sobre o Vale do Sousa, é uma das primeiras construídas pelo Património dos Pobres.

Todas elas merecem especial atenção, quais marcos de um Movimento que prendeu milhares de portugueses porque as casas são santuários d'almas, diria Pai Américo, destinadas a quem não teria onde encostar a cabeça dignamente — os pobres sem-tecto.

A moradia que referimos está situada num local aprazível e já por lá passaram várias gerações no decorrer de meio século. Almas que, pela nossa fé, nos lembram ao Senhor da Messe porque receberam acolhimento, pão material e espiritual.

Por fim, vale a pena referir que em um concelho de algures, os homens públicos afirmaram convictamente que irão continuar a erguer moradias para os sem-casa.

Assim fosse, de Norte a Sul do País.

VOZ DO PAPA — «O único caminho da paz é o perdão. Aceitar e conceder o perdão torna possível uma nova qualidade de relações entre os homens, interrompe a espiral do ódio e da vingança e rompe as cadeias do mal, que prendem os corações dos adversários. Para as nações que procuram a reconciliação e para quantos desejam uma coexistência pacífica entre indivíduos e povos, não existe outro caminho a não ser este: o perdão recebido e concedido. Como são ricas de saudáveis ensinamentos as palavras do Senhor: 'Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está nos Céus; pois Ele faz que o Sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores'. Amar quem nos ofendeu desarma o adversário e pode transformar num lugar de solidariedade cooperação até um campo de batalha. Este é o desafio que diz respeito às pessoas individualmente, mas também às comunidades, aos povos e a toda a Humanidade. Neste nosso tempo, o perdão

torna-se, cada vez mais, uma dimensão necessária para uma autêntica renovação social e para a consolidação da paz no Mundo. A Igreja, anunciando o perdão e o amor aos inimigos, está consciente de inserir no património espiritual de toda a Humanidade uma maneira nova de se relacionar com os outros; sem dúvida, uma forma difícil, mas rica de Esperança. Nisto ela sabe que pode contar com a ajuda do Senhor, que nunca abandona quem a Ela recorre nos momentos difíceis. 'A caridade... não suspeita o mal'. Nesta expressão da primeira Carta aos Coríntios, o Apóstolo Paulo recorda que o perdão é uma das formas mais nobres da prática da Caridade. E para se aprofundar melhor o alcance desta verdade, mediante o Sacramento da Reconciliação, o Pai doa-nos em Cristo o Seu perdão e isto estimula-nos a viver na Caridade, considerando o próximo não como inimigo, mas como um irmão.»

PARTILHA — «A filha da Florinda», de algures, manda «o quantitativo encontrado numa carteira de minha mãe, há pouco falecida. Nas vossas mãos terá algum rendimento». Oferta curiosa!

Luso: Presença do assinante 53241, para se «mitigar, em diversos campos, as necessidades dos Pobres». Além de se referir a Pai Américo, afirma «que O GAIATO nos impele a formular, em prece, este pedido que assim seja, em prol dos mais desfavorecidos».

Cinco mil, da assinante 66345, de Coimbra.

Arrifana: O assinante 26263 «apenas quer acrescentar que muito me vai na alma — inquietação? — e desejo colaborar com alguma coisa para os Pobres. — E eles são tantos!... Há muito tempo que leio O GAIATO, e esse 'senhor' tem sido o responsável da pressão que tenho vindo a sentir em decidir a mandar uma pequena ajuda».

Assinante 20517, de Fiães (Feira), com três mil e «não é preciso agradecer».

Massamá: Cinco mil, do assinante 2545, «pequena ajuda para os mais necessitados. Bem haja o vosso trabalho de auxílio aos Pobres e desamparados».

Um cheque do assinante 2984, de Rio Tinto, «para as necessidades mais prementes» de quem sofre. «Guardem anonimato e não mandem recibo!» Cumprimos.

Idem, de Mirandela, com «uma pequena contribuição».

Fechamos a procissão com «a partilha de Maio, Junho e Julho, saudações fraternas e muita amizade duma Assinante de Paço de Arcos».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

RETIRO — Um grupo de Paço de Sousa, com outros jovens de paróquias do Sul, que normalmente frequentam os «Convívios Fraternos», fizeram um Retiro na Casa de Férias da Casa do Gaiato de Setúbal, na Serra da Arrábida. Saímos de Paço de Sousa na Quinta-feira e regressámos no Domingo, já noite.

Fomos recebidos por D. Conceição (mãe dos rapazes de Setúbal) e um casal: o Zé e a Lina orientadores do Retiro, bons colaboradores da Casa do Gaiato, juntando-se a eles, no dia seguinte, o Padre Geraldo.

À medida que o tempo passava, a boa disposição e a abertura no seio do grupo aumentava. Durante o dia e nos serões, para além da Palavra de Deus, havia brincadeiras nas quais quase nenhum escapou. Não vou mencionar tudo o que se fez e disse, porque não sou capaz de descrever a grandiosidade de todo aquele Convívio. Para muitos, o Retiro, é: rezar, rezar, rezar. Nós também rezámos, mas de muitas e variadas maneiras. Para falar com Ele, não é obrigatório só rezar *Avé-Marias* e *Pai-Nossos*, muito embora seja indispensável que o façamos. Foi o que aconteceu ao longo destes três dias. Tivemos de tudo, ouvimos e fizemos um pouco de tudo. Todos os encontros de grupo foram ricos. Mas o serão do dia sete, com a chamada *partilha*, foi algo que tocou o coração de todos. Entre outros testemunhos ouvimos: «Eu não sou assim tão alegre (...) Tenho estado a fazer um esforço para tentar transmitir alegria e boa disposição. Já não era para estar aqui, hoje, mas um dos colegas que aqui já não está,

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro, 63.550 exemplares.



Convívio da Serra da Arrábida — Setúbal.

disse: — Fica, por causa dos rapazes».

Falou um pouco mais de si... e, com os olhos rasos de água, deixava transparecer a riqueza daquele coração que não se vê, mas sente-se. Foi uma rapariga que andou desligada dos caminhos de Jesus, anos a fio. Começou a frequentar os «Convívios Fraternos» e só aos 18 anos foi baptizada.

Entre outros escutámos ainda um jovem missionário, de Moçambique, revelando a miséria daquela gente, e um pouco do que lá se passa.

Foi tempo de oração, de convívio e de passeio, alguns deles servindo de reflexão. Por exemplo, a visita à Gruta de Santa Margarida, onde o Padre Acílio falou do seu valor em diversos aspectos e, ao mesmo tempo, da ira de algumas pessoas, em determinada altura. Também visitámos as capelas da Serra da Arrábida. D. Lina explicou muita coisa e a nossa presença foi assinalada numa pequena acta assinada por todos nós.

Vejam a que conclusão chegaram alguns dos nossos rapazes:

Nuno Filipe «Truta» — Neste Retiro gostei de partilhar com um grupo de jovens que esteve conosco. Fez-me bem porque aprendi como é que se deve falar com Deus.

Entre outros locais, visitámos, em primeiro lugar, a Capela da Casa do Gaiato de Setúbal que tem uns quadros muito bonitos. Deram uma explicação desses quadros que nos falaram de Deus. Esse trabalho foi oferecido por um pintor que muito sofreu ao ver sua mulher sofrer e os fez com muito amor. Por tudo isso, merece o respeito de todos nós.

Daniel Leite — Descrevo alguns dos bons momentos que passei com outros amigos na Serra da Arrábida, casa de praia da Casa do Gaiato de Setúbal. Com os meus amigos de Paço de Sousa, também estivemos com um grupo amigo da Diocese de Setúbal; partilhámos muitos momentos e eles conosco. Mais uma vez vimos o Poder de Deus quando subimos do milagre que ocorreu num monte da Serra da Arrá-

bida para onde os monges se retiravam na fase final da sua vida, em penitência, e muito mais aconteceu! O nosso Jornal não é muito grande, infelizmente, pois haveria mais artigos para publicar!

António José Mouro — Gostei imenso de ir ao Retiro. Foi muito bom, do ponto de vista espiritual. Na Serra da Arrábida passámos e fizemos outras coisas que nos divertiram imenso; e convivemos com um grupo de rapazes que, apesar de mais velhos, eram divertidos.

Poderia voltar a haver outro, como este.

DESPORTO — Já não é a primeira vez que os Iniciados defrontam o Futebol Clube de Baltar. Nunca foram fáceis os encontros entre nós. Desta vez, então, foi mesmo difícil! O treinador do F. C. de Baltar trouxe, bem à vontade, duas equipas. Um jogo renhido e, apesar de termos ganho, foi necessário um autogolo para que levássemos de vencida o adversário. O «Azeitona» marcou um golo, mas falhou por duas vezes, de baliza aberta. Quando elas não querem, não há nada a fazer. Eles também poderiam ter marcado, mas as melhores oportunidades pertenceram à equipa da casa. Tivemos em linha de conta que a equipa adversária já pertence ao escalão de Juvenis, e, no seu campeonato, ainda não tinham perdido. Três jogos, três vitórias. Só com muita humildade e vontade de vencer conseguimos um resultado positivo. No final, todos estávamos satisfeitos, pois estigiu da nossa parte esforço duplo. O Luís Ângelo na defesa e uma defesa do António, no fim do encontro, foram os responsáveis pela derrota imposta ao adversário.

Uma referência ao nosso guarda-redes: O António, com paciência, andou um ano inteiro a suplente do Sérgio. Hoje, porém, é titular com todo o mérito. O «Teixugueira» não lhe fica atrás, mas, graças à sua compreensão, acatou, e bem, as instruções.

Na segunda parte, Carlos «Pote» substituiu o Gil, e dei-

xou bem claro, querer discutir a titularidade. Sinal de que os rapazes se interessam, entregando-se de alma e coração ao jogo, sem que nada haja (...) que possa manchar estes encontros amigáveis.

Esperamos o próximo jogo. Para já, temos quase todos os fins-de-semana ocupados até ao fim do ano.

Os Sócios também tiveram o seu fim-de-semana desportivo, e não deixaram os seus créditos por mãos alheias, apesar de não terem ido além de um empate. Têm uma equipa recheada de valores. Elementos que se destacam pela sua total entrega ao jogo, e bom comportamento no campo.

Alberto («Resende»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vinte e três de Outubro de 1887. Comemoramos o nascimento de Pai Américo que sonhou e concretizou a Obra da Rua.

Não devia ter sido fácil, naquele tempo, mas com muita Fé e Esperança conseguiu. Em tudo via Deus e reconhecia o Seu amor. Dotado de um grande coração, bondoso, compreensivo, inteligente, e de uma grande generosidade, que foi preciosa para as crianças da rua, os órfãos, criou um admirável serviço social para os desprotegidos.

Pai Américo debruçou-se sobre os escorçados, privados de amor, maltratados. Deu-lhes um lar, atenção, e, sobretudo, educação e preparação para serem homens, bons pais.

Mostrou a muitos rapazes o bom caminho e continua essa caminhada, mesmo não estando fisicamente entre nós. Ele continua vivo em nossos lares e nos corações de todos os que com ele conviveram.

Eu tive essa alegria. Desde muito pequena. Visitava, de vez em quando, a Casa do Gaiato com a minha família adoptiva que tinha grande admiração pela Obra da Rua.

Em 1956 quando aconteceu o acidente que vitimou Pai Américo e voou para o Céu, era eu mocinha e não posso esquecer a tristeza, o desgosto de toda uma população que ocorreu para lhe prestar a última homenagem. Nunca me passou pela cabeça, naquela altura, que, um dia, faria parte desta grande comunidade que é a Obra da Rua.

Uma família que visitamos está muito doente. A senhora foi operada e melhorou. O marido continua mal, mas um pouco melhor. As duas viúvas

Um bálsamo

«É sempre com muita alegria e ansiedade que recebo O GAIATO, jornal que já me acompanha há largos anos e eu não dispense. A sua leitura é um bálsamo para a minha vida, mas ao mesmo tempo também me deixa bastante confusa, perturbada e, acima de tudo, muito emocionada com as notícias, principalmente as que vêm de Angola — terras que muito me dizem e das quais tenho as melhores recordações da minha vida passada...

Por isso, é que estou hoje aqui para enviar esta gotinha de água para distribuírem pelas Casas do Gaiato de Angola. É pouco para um oceano tão grande!

Assinante 5471»

Cartas

Sempre me inquieta

«Dou graças a Deus pelo Jornal que regularmente me chega e normalmente leio com cuidado e sempre me inquieta.

Pesa-me de há muito tempo não vos dizer nada; apenas desleixo, ingrati-dão, já que tanto recebo do Famoso.

Guarde Deus a Obra da Rua e conceda, a quantos a suportam, a coragem, a saúde e as forças para que os seus tentáculos alcancem o mais distante, quer no espaço, quer nas mentalidades, quer na sociedade civil.

Assinante 21080»

Leitura apetecível

«Acabo de ler O GAIATO que recebi, há duas horas. É sempre uma leitura apetecível que deixa a alma disposta ao Bem, com uma certa insatisfação pessoal, por não poder resolver os casos que ultrapassam os esforços das Casas da Obra da Rua. E tantas são as situações de 'missão impossível', neste mundo tão cheio da maldade dos homens!

Vós fazeis milagres, apesar de tudo; mas há tanto a fazer ainda...! Restamos a confiança no Senhor e a esperança na boa-vontade dos cristãos que sabem sê-lo.

Assinante 4554»

vão mais ou menos Uma das senhoras acamou, mas está bem disposta.

RECEBEMOS — Um cheque da assinante 5193. Emília, de Valongo, 5.000\$00. Mais uma ajuda do assinante 11856. Ao assinante 29935, gratos pela ajuda. Dolores, o cheque do costume. Pires de Lima, 2.500\$00. Outro cheque de amiga, de Leiria.

Que Deus lhes pague.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4008-299 Porto.

Maria Germana e Augusto

SETÚBAL

CAMPO — Nunca tivemos uma ceifa de milho tão grande! Com esta farta colheita, enchemos dois silos e meio.

Já semeámos, de cevada, oito terrenos que, juntamente com a silagem, servirá de alimento às vacas.

VACARIA — Temos duas vacas na maternidade para parir. Há pouco tempo nasceram seis vitelos que estão nos viteiros até que possam ir para o curral. Um das vacas está muito magra, não sabemos bem porquê, pelo que ganhou o nome de «bacalhau».

ESCOLA — Os rapazes da Escola Primária, todas as segundas-feiras, à tarde, vão aprender a nadar numa piscina de Setúbal. Os que andam constipados ou com feridas, ficam em Casa até estarem bons.

Os de 5.º e 6.º anos têm uma professora nova. O seu ano escolar começou complicado, mas esperamos que acabe bem.

Este ano lectivo temos no Lar de Setúbal vinte rapazes. Frequentam a Escola do 7.º ao 12.º anos.

RAPAZES — O «Lota» andou desorientado, durante alguns dias, porque não queria pôr em ordem o seu trabalho fora de Casa, e as suas responsabilidades domésticas. Por fim, percebeu que não deve andar a gastar o dinheiro à toa.

Também fugiram dois rapazes e não sabemos a razão. Um, de dezoito anos, que a Escola não aceitou, neste ano lectivo, devido à sua idade. O outro, com um pouco menos, também com muitas dificuldades de ordem intelectual.

Sérgio e Bráulio

BENGUELA

MILHO — Já está um bocado crescido. Como é lindo a gente ver o campo todo verde! Oxalá dê boa colheita porque está a crescer com uma grande força, e isso é sinal de que dará mesmo boa colheita.

COMUNICAÇÕES — Para quem quiser contactar com a Casa do Gaiato de Benguela, uma vez que já nos foram oferecidos alguns computadores, por favor contactem-nos pelo seguinte E-mail: gaiatobenguela@netangola.com ou pelo nosso número telefónico 32266 ou pelo fax 32266. Obrigado.

ALEGRIA — Estamos alegres porque já começaram a fazer a arrumação das salas de jogos. Acontece que as férias estão prestes a chegar. E, assim, poderemos divertir-nos muito.

M.S.A.

MOÇAMBIQUE

MUDANÇA DO TEMPO — Na passagem para o Verão, verificam-se mecanismos para o desenvolvimento de epide-

mias. A nossa Casa não fica fora disto.

As doenças que mais nos assolam: varicela, papeira, sarampo, cólera e malária.

Neste momento temos um surto de varicela e acomodámos no isolamento do nosso posto de saúde cinco rapazes afectados. Conseguimos manter tudo sob controlo, proporcionando aos doentes um atendimento na hora certa. Estão sendo acompanhados por outros que já tiveram a doença, para se diminuir as possibilidades de contágio.

No âmbito desta situação a tia Maria José, nossa enfermeira, fez uma reunião com os gaiatos mais crescidos a quem habitualmente dá formação sobre enfermagem, orientando-nos para campanhas de sensibilização em nossa Casa, na Escola e nas aldeias à nossa volta: Massaca, Mailande, Changanale e Picoco. Faço parte do grupo.

Moisés Salvador

MACHAMBA — No início de Setembro tivemos um trabalho grande: a colheita do feijão. Convocaram-se grupos de trabalhadores e senhoras da Massaca e vários grupos de gaiatos, de acordo com o horário da Escola. A produção foi fraca. Ainda não acertámos com a semente mais produtiva. O terreno está novamente preparado e vamos tomar a semear milho que, este ano, deu trabalho por ter tombado com o vento.

Horácio Rafael e outros



No meio do grupo, a Preciosa tem ao colo o Daniel, o mais pequenino de Paço de Sousa.

DOCTRINA



Um ano depois

VIM cair a Paço de Sousa. Os paraquedistas não são de agora; só que os de hoje são mal mandados e muito mal caídos. Vêm do ar, que não do Céu; e trazem a morte no ventre. O Primeiro, a *sumo coelo*, trouxe a Vida. Foi bem mandado, caiu bem e com Ele todos os mais paraquedistas. Faz hoje precisamente um ano.

TINHA sido Obra de protecção à criança e chamava-se Casa Pia de Paço de Sousa onde ora nos encontramos. Um decreto de 1875 regulava as condições do legado que Alguém fizera a este povo; e um outro, de 1919, revogava o que estava feito e nomeia gente para fazer mais e melhor. A Comissão que estava, segue-se a Junta do Distrito que mais tarde foi da Província. A um decreto, outro decreto. Foi um verdadeiro dia de finados em Paço de Sousa — e os sinos não dobraram. Cobardia e audácia fizeram sociedade e ambas as partes assinaram, amigavelmente. Parece que nenhuma delas tinha o verdadeiro zelo pelo sorte das ovelhinhas perdidas do Rebanho de Portugal. Uma saíra e outra entrou pela janela do redil; pela porta — só os pastores. Sim; parece que não tinham, porquanto, volvidos anos, um incêndio devora parte do edifício, a Junta arruma noutras a população da Casa e fica à espera. Vim encontrar ruínas, abandono, desolação: nem tulhas nem tonéis nem salgadeiras. Acabara-se o zelo dos pressurosos mai-la matéria dos decretos.

COMEÇOU-SE por surribar o plantio, levantar muros, compor ramadas, abrir caminhos, limpar tanques, adquirir gados, semear terras — fazer como o Tomé da Póvoa, nos *Fidalgos da Casa Mourisca*. A seguir, subimos ao cimo da cerca e ali se abriram caboucos para os alicerces da nossa Aldeia. Isto começou, precisamente, no dia 27 de Maio de 1943. Dentro do resumido espaço de 365 dias e durante cada uma das suas horas de trabalho, os meus olhos pecadores viram e continuam a ver andaimos, guindastes, materiais, operários, mestres a riscar: a nossa Aldeia dos Rapazes a erguer-se da terra em oração.

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

estão avariados e fazem muita falta na vida quotidiana. O quarto é formado em química e também é farmacêutico. Tem estado a ajudar em todos os Centros de Saúde. O nome dele é Frederico, mas a malta chama-lhe Fred. A todos desejamos boas vindas e se sintam bem em Casa.

COLHEITAS — Depois do feijão, temos agora o tomate. Com ele estamos a fazer sumo, massa e salada. A gente gosta muito do sumo de tomate.

LAGOA — Gastámos muita água da lagoa para a rega do feijão, no pivot. Agora a água é muito pouca e está quase a secar. Os pássaros e os patos que lá estavam desapareceram, e era o que mais encantava o nosso Padre José Maria e o seu grande amigo o tio Francisco Amorim.

GADO — Estamos tristes porque encontramos uma vaca, do gado de corte, morta ao pé da lagoa, com cortes nos tendões e na cabeça. Até hoje nin-

guém sabe porquê nem quem foi. Mas estamos a investigar com os pastores e guardas da nossa Casa.

OBRAS — A construção da pocilga está quase no fim. Já se pôs o telhado e rebocou-se. Falta apenas a pintura. E, também, os porcos. A fábrica de conservas está levantada, mas ainda falta muita coisa para fazer ali.

CAPELA — Continua a ser o lugar de espanto de todos que passam de visita à nossa Casa. A maior parte deles diz: «Isto é uma verdadeira Obra de Deus».

DESPORTOS RADICAIS — Na semana passada tivemos só três atletas em evidência. O Armando Paulo, cavaleiro, e os patinadores Charles e Pedro Salvador. O primeiro caiu do cavalo e os outros tiveram acidentes «deslizantes». Resultado: três braços partidos! Mas estão todos óptimos e com saúde.

Edson Luís

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Julho — Abre com um cheque de 125 contos, de Victor, de Loures. Mais 40, de José Salvador. 50, da Auta — vezes sem conta repartidos! Deus a recompense. Antigo ourives, de Coimbra, aqui tão mencionado com os 50 do costume. Também a persistência de Matos Chaves com 25 mil. Mais 5 mil, de Rogério, de Cascais. Maria Teresa, de Lisboa, com 300 mil. Outra Teresa, esta de Coimbra, com 20 mil. Amiga e admiradora de há longa data, do Gavião, com 40 mil — tantas vezes repartidos! Um Néilson com 10 mil. Uma Amélia com 2 mil. Maria Helena, da Figueira da Foz, com 50 mil. Sá Campos Gil, sem falha, mensal. Idem, de M. D. Resende, de Mira; de Santos Minga; de A. Silva Rodrigues e da Cerâmica Rodeio. Um Fernando com cheque de 20

mil; e mais 5, de 16 mil, pré-datados, e que eu, distraído, logo corri a meter no Banco. Espero que não haja problemas. Vinte e cinco mil, de Victor, do Estoril. Escola EB 2/3, do Pombal, com 14.500\$00. Mais 12 mil, de Almada. 11 mil, da Escola de Ria-chos. Associação Académica com 22 mil. Mais 30 mil, no Lar. Vários envelopes na Igreja de S. José somaram 50 mil. Uma Maria Guiomar com 25 contos. Marília, de Montemor-o-Velho com 6 mil; e Adélia, de Coimbra, com 5 mil. Maria Adelaide, com o pensamento no Património dos Pobres, repete regularmente o seus 10 mil.

Agosto — Mês «fraquito». Às quatro presenças habituais somamos a de Luís Baptista, de Arganil, com 5 mil. Um Pedro com 18 mil. Tiago, de Ceira, com 200 mil. Maria com 10 mil. Cinco Marias, de Rio Tinto, Penacova, Coimbra, Vila Nova de Poiares e S. Jorge, contas feitas, somaram 115 mil. Do peditério, na Figueira a Foz, já falámos.

Setembro — Graciano, de Condeixa, 20 contos. Cláudio, 2 mil. A. A. de Coimbra — secção de fado, 30 mil.

Setúbal

Bolsa de estudo

O Mário foi chamado à Escola. No regresso, veio comunicar a razão da convocatória: receber uma bolsa de estudo que lhe havia sido atribuída. Sacou o dinheiro do bolso e apresentou-o:

— Tirei quinze contos para comprar uns ténis porque estava a precisar deles. Nem mais! Eram umas sapatilhas de marca, como eles dizem, assentando nos pés como uma luva.

— Então, agora, com o dinheiro que sobrou, vais pagar as tuas restantes necessidades: alimentação, vestuário, casa, saúde... Já pensaste que esse dinheiro era para usares dessa maneira! Está bem?

Certamente que o Mário não podia concordar. Facilmente percebeu da insignificância dessa quantia para pagar tudo o que somam os seus gastos.

Depois veio a questão da marca dos ténis. Falámos do que é do conhecimento público, em que zonas do globo são muitas vezes fabricados este tipo de produtos por pessoas que vivem miseravelmente, sendo por vezes crianças; ficou o Mário a olhar para os seus pés. E depois a vaidade da marca...

Tentações

OUTRO Mário veio confessar que comprara, com dinheiro que não lhe pertencia, um cartão para um telemóvel que andava por aí sem uso. Ouvi o relato quase sem articular qualquer palavra. O seu gesto era significativo. Fazê-lo perceber a utilidade das coisas desnecessárias, havendo tanta gente sem o mínimo indispensável à sobrevivência, ou sem condições de vida dignas.

Saciar os apetites que esta sociedade nos cria com o seu marketing, são tentações de hoje que desviam o espírito do homem para o que não tem valor.

Escravos das coisas, escravos das marcas e da publicidade, são numerosos nos nossos dias. À custa desta fome insaciável morrem à fome, do essencial à vida, multidões por esse mundo fora.

É muito importante que se dê valor, ao valor que as coisas têm. Elas são um meio de afirmação do ser humano, para o mal ou para o bem. Com o uso que dá aos bens materiais, o homem determina-se no sentido que dá à sua vida.

Nestes dias dedicados a fazermos memória dos Santos e de todos os que nos precederam na fé, procurando manter o rumo das suas vidas para Deus Criador, lembremo-nos também dos que orientam a sua vida para os deuses criados.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Os que sofrem, sabem compreender e aliviar as dores alheias.

PAI AMÉRICO



O portão da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Aqui nasceram as Casas do Gaiato.

Um Fernando com 10 mil. José, de Penacova, com 3 mil. De Espite, 15 mil. Mais 15 mil, de um Mário; 50 mil, de Maria do Carmo; e 100 mil, de Maurício. As habituais mensais já enumeradas atrás. Finalmente, não podemos esquecer o peixe que regularmente nos é oferecido por Manuel, de Vila Seca; e a generosa partilha da viúva

do sr. Grades com a oferta semanal de carne; e os iogurtes da *Longa Vida*.

Voltaremos a dar contas enquanto o nosso coração se volta para Deus em acção de graças. Sabemos que Ele é o autor e impulsor de tão belos gestos de bem-fazer. Virá d'Ele a recompensa prometida.

Padre João

Continuação da página 1

amigos as maçãs que não pertencem só a ti, mas a todos!

Nessas terras de miséria vivem alguns grandes, corações mirrados que se passeiam por todo o mundo negociando com muitos grupos. E em toda a parte têm amigos e acolhimento porque dão lucro aos gigantes financeiros.

Só agora, depois do 11 de Setembro, é que se congelaram as contas: na América, na Europa, em Portugal.

Porque não antes?... Não fazem eles terrorismo há vários anos na própria pátria

Omissões

além do que têm espalhado por todo o globo?... E não o sabiam os governos?! E os outros terroristas não identificados com estes, mas que o fazem também na sua terra!

Não manobram eles as suas chorudas contas em todo o mundo enquanto o povo moribundo vive sem direito a nada?...

Naturalmente que o «Gordito» mais os dois amiguinhos comeram as maçãs ao pé de mim, enquanto lhes iluminava a consciência: Estais

a comer o que é de todos. As maçãs comem-se à mesa ou à merenda com todos os outros. Não tendes o direito de ir ao pomar colher só para vós. Nunca mais façam isso. Não é justo! — Achais que é justo? Os pequeninos acenam com a cabeça — que não. Não podia ser de outro modo. Está gravado na pureza íntima da sua consciência inocente. Todo o homem não pervertido sente o mesmo. A justiça é imanente à natureza humana.

A riqueza natural e a adquirida é pertença de toda a Humanidade. Não é dos espertos, atrevidos e injustos. Pertence a todos!...

Os povos mais evoluídos e mais ricos *devem* — cometem injustiças porque não o fazem — não só repartir, mas sobretudo também fazer repartir os bens em sua posse: Bens materiais, técnica, cultura, fé, etc.

Pecados de omissão que matam milhões de seres humanos em cada ano e de que ninguém sofre o terror! O que eu vi diante dos pequeninos das maçãs naquele momento!...

Padre Acílio

BENGUELA

O semeador

QUE será possível fazer sem paciência? — interrogo-me, muitas vezes, nos momentos de maior pressão. Os pais não dirão o mesmo? Como podem ser os primeiros mestres da educação dos seus filhos, se não tiverem paciência? Fomos feitos para ter paciência. De contrário, inventamos complicações e mais complicações que nos desequilibram. Como poderão os professores conviver de maneira sadia com os seus alunos, se não tiverem paciência? Posso dar a impressão de que ando cheio dela, mas verifico que, de facto, perco muitos desafios por falta de paciência. É uma expressão típica da caridade. Não é verdade que Deus é infinitamente paciente para conosco? Assim devemos ser uns para com os outros.

Esta nota saiu no meio de grande pressão, vinda de muito lados. As

necessidades não têm conta. Este veio, há dois meses, do Lubango. Roubaram-me tudo pelo caminho. Foi parar ao hospital e quer regressar à sua terra, mas não tem nada. Aquela tem o filho doente em Luanda, mas não tem dinheiro para a passagem. Outra, deixou morrer o marido e precisa de tudo para o enterrar. Aquele precisa do bilhete de identidade, mais fotografias, mas não pode pagar. E mais e mais e muito mais. É preciso muita, muita paciência que o resto virá por acréscimo. Em educação é assim. Gosto sempre da parábola do semeador. Semeia e espera pacientemente a hora da colheita. Não sabe, tão pouco, se ele colherá. Importa semear. Quem me dera ter a paciência do semeador!

Ao ver a gente que nos bate à porta à procura de respostas para os problemas de seus filhos, peço-lhes que não

desanimem. Não temos receitas especiais. Os problemas dos pais são também os nossos, em geral. Há dias, um pai muito aflito veio ter conosco na mira de ficarmos com o seu filho, ainda pequeno. Trazia-o consigo. Contou-me toda a história. Pensou que não podia fazer mais nada por ele. Disse-lhe que não. Somos para os abandonados.

O segredo da prevenção de muitas quedas está no acompanhamento simultaneamente amoroso e exigente, dos filhos. Isto é o que os pais não podem ou não querem fazer, muitas vezes. É preciso ter muita paciência. É preciso deixar-se prender pelos filhos. Prisão libertadora de muito egoísmo e de vida fútil. A Pátria precisa de famílias unidas. A Pátria precisa de todos os seus filhos — os da Rua, também. Por isso tem que dar as mãos a quem anda a cuidar deles.

Esta nota saiu com a marca da Paciência. É fruto dela e também vos pede paciência para chegardes ao fim. Assim há-de ser a minha vida e a dos que trabalham comigo.

Padre Manuel António